

DOR, VIOLÊNCIA E DESTRUTIVIDADE NOS TEMPOS ATUAIS*

Maria Elisabeth Cimenti **

Resumo:

O trabalho inicia com uma breve descrição do momento mítico de expulsão de Adão e Eva do paraíso, baseada na versão bíblica do Velho Testamento. A partir daí, caracteriza a dor como inerente a todo ser humano. Diferencia dor e sofrimento e analisa as tentativas humanas de evitação frente ao sofrimento. Paralelo a isso, atravessa o conceito de pulsão de morte em Freud, especificando as formas como a dor vai se apresentando durante a evolução desse conceito. Define a pulsão de morte até o limite da destrutividade pura e procura entender as consequências na cultura e no indivíduo ao se ver frente a essa.

A primeira parte do Velho Testamento, Gênesis, relata como Deus criou o universo. Conta a história de Adão, sua felicidade e inocência, enquanto vivia no paraíso de delícias junto a Virago, mulher criada de sua costela. Tudo era perfeito, até que se apresenta a tentação na forma de serpente e convida a mulher a comer o único fruto dentre todos os demais que Deus proibira para eles. Virago, então, desejosa das delícias que supôs conter esses frutos, come um e dá também a Adão. A partir daí, seus olhos se abriram e conheceram o bem e o mal. Viram que estavam nus e fizeram roupas para si com folhas de figueira. E Deus os castigou. Disse à mulher que ela multiplicaria seus trabalhos e que seus partos seriam com dor. Ela estaria sob o poder de seu marido, a quem deveria obedecer. Disse ao homem que deveria trabalhar para dar sustento à mulher e essa lhe produziria espinhos; deveria ele comer o pão com o suor de seu rosto até que voltasse para a terra de onde saiu, pois era pó e pó haveria de se tornar novamente. Adão, põe o nome de Eva em sua mulher, porque ela seria a mãe de todos os viventes. E Deus expulsa Adão e Eva do paraíso.

* Trabalho apresentado na XV Jornada anual do IEPP. Agosto de 2003.

** Psicóloga. Psicanalista da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. Coordenadora de Ensino, supervisora e docente do IEPP. Mestre em Psicologia Clínica pela PUCRS.

Nesse momento mítico aparece a dor, o sofrimento, a falta e a idéia de mortalidade para a prole humana. Surge o homem com toda a sua vulnerabilidade física e nostalgia pela perfeição, só possível de ser imaginada nos tempos iniciais do narcisismo e tão precocemente perdida, como o paraíso perdido.

Um menino de cinco anos já é capaz de dizer a sua terapeuta: _ “ Eu queria que meu pai estivesse junto com a gente, mas ele não vem me ver porque brigou com a minha mãe; eles não se gostavam mais...Mas ele também não gostava mais de mim, ele não quis mais me ver.” Que dor maior poderá haver para um menino de apenas cinco anos? Que pecado ele cometeu?

A questão do abandono remete à dor pela perda do objeto.

Em “Inibições, Sintomas e Ansiedade”, Freud (1925) afirma que sabemos pouco sobre a dor. Define dor como algo que ocorre sempre que um estímulo incide na periferia da pele e rompe o escudo protetor contra estímulos, passando a atuar como um estímulo pulsional, contra o qual a ação muscular é impotente. Se a dor provier de um órgão interno, a situação será a mesma. Sublinha, que o estímulo periférico, essencial à dor está de todo ausente na situação de ansiedade da criança. Mas argumenta que não é por acaso que se faz uso corrente da expressão dor interna, mental ou se trate o sentimento de perda de um objeto como um equivalente à dor mental, pois a intensa catexia de anseio que está concentrada no objeto do qual se sente falta ou que está perdido, cria as mesmas condições econômicas que são geradas pela concentração na parte danificada do corpo. Assim, a transição da dor física para a dor mental corresponderia simplesmente numa mudança da catexia narcísica para a objetal.

Diante de tal colocação, somos levados a deduzir que nenhum ser humano escaparia de experimentar uma certa porção de dor mental, pois nosso crescimento se constrói sobre as perdas inevitáveis dos objetos de amor da infância. Por isso em algum lugar dentro de todos nós permanece o desejo de retorno ao paraíso perdido, a uma satisfação total, mítica. E, sendo a dor inevitável, restaria a questão de como podemos senti-la e do quanto ela estaria intrincada com o processo de crescimento do homem. No mito bíblico a dor aparece no corpo, inscreve-se como possibilidade de perda e aí descobrimos a dor, lado a lado, com a sexualidade e o surgimento da vida. A dor parece ter

ligações insuspeitadas com a vida. Poderíamos pensar que a dor seria uma importante expressão de vida?

Em *As Pulsões e suas Vicissitudes*, Freud (1915) aborda a questão do par antitético sadismo- masoquismo. Enfatiza um sadismo originário que se volta contra o próprio sujeito reflexivamente, transformando-se em masoquismo. Nessa etapa o sujeito deixa de ser o agente da ação, mostra-se passivo e passa a encontrar prazer na própria dor. Esse momento é marcado pela dor erótica, pela passividade e pela inscrição interna do objeto; é o momento em que o sujeito incorpora imaginariamente o objeto (Conte, 2002). E, somente depois, numa terceira fase, esse mesmo sujeito poderia voltar a ser ativo, sujeito da ação e mais uma vez dirigiria sua agressividade (agora erotizada) para fora, sob a forma de destrutividade contra os objetos. Portanto, nessa etapa da teoria freudiana, a dor está intimamente ligada à sexualidade, conduz o erotismo até os objetos e leva a identificações.

Conte (2002) destaca a pergunta de Freud sobre porque seu neto, na brincadeira do carretel, conhecida como “fort-da”, conjuga uma sensação prazerosa a uma vivência de dor. Essa brincadeira é relatada por Freud em “Além do Princípio do prazer” (1920), onde ele retoma e transforma a teoria das pulsões. Define-se pela manutenção da dualidade pulsional, mas agora como: pulsão de vida e pulsão de morte. Nesse texto caracteriza a pulsão de morte como silenciosa, por não ter uma representação clara e por agir sobre o organismo mesclada com a pulsão sexual. Freud se vê, então, às voltas com a questão da pulsão de morte e de como essa se liga à sexualidade. Nesse mesmo ano escreve sobre as associações de uma criança de quatro anos, na qual demonstra que as crianças sabem de onde vem os bebês e que sabem que é obra do pai. Interpreta as fantasias da criança, desbravando a área da sexualidade infantil cada vez mais profundamente. Surge um Freud preocupado com a origem da vida, com as expressões do sexual e, talvez por isso, tenha apresentado a pulsão de morte como um conceito quase mítico, na forma de um fantasma que ronda a pujança do viver.

Mesmo assim, em consequência desse conceito Freud é quase obrigado a retomar a questão do sadismo- masoquismo. Impôs-se, então, em 1924 a reafirmação da existência do conceito de pulsão de morte de modo mais radical. Coloca a destrutividade como sinônimo da pulsão de morte

e, liga-a à pulsão sexual, transformando-a, através dessa ligação, em um sadismo que é projetado para fora. Argumenta que a destrutividade, caso não se ligasse à sexualidade e fosse expulsa na forma de sadismo, destruiria o próprio organismo do sujeito. Assinala, porém, que apesar dessa expulsão ocorrer, permaneceria sempre algum resíduo da pulsão de morte dentro do psiquismo, na forma de um masoquismo originário, que ele chama de erógeno e que servirá de base para futuras formas de masoquismo (moral, feminino) que possam secundariamente vir a reforçá-lo. Aí nos deparamos claramente com a origem da vida e do desenvolvimento da sexualidade entremeados com a destrutividade e com a dor, que funcionaria tal qual um farol norteando nossas relações com o outro.

Essa sua visão não se modifica. Mas Freud continua pensando o conceito de pulsão de morte até o final de sua vida. Na verdade, ele simplesmente vai assumindo cada vez mais corajosamente sua concepção de pulsão de morte e passa a definir a destrutividade como seu representante, autônomo da sexualidade ou da pulsão de vida. Para Garcia- Roza (1990), o verdadeiro “Além do princípio de prazer” (1920) vamos encontrar dez anos depois em “O mal-estar na civilização” (1929). O autor salienta que até esse momento as manifestações da pulsão de morte ficaram restritas ao sadismo e ao masoquismo e, portanto, à articulação da pulsão de morte com a pulsão sexual. Em “O Mal- estar na Civilização”, ele conseguiu se desprender desses conceitos e realmente definir a pulsão de morte como verdadeira destrutividade. Com isso declara um antagonismo irremediável entre as exigências das pulsões e denuncia as restrições da civilização. Segundo Garcia- Roza (1990, p. 134), “Reconhecer uma pulsão destrutiva como algo totalmente independente da sexualidade, era reconhecer a maldade fundamental e irredutível do ser humano”. E Freud (1929, p. 142) reconheceu isso, quando diz: “Sei que no sadismo e no masoquismo sempre vimos diante de nós manifestações do instinto destrutivo (dirigidas para fora e para dentro), fortemente mescladas ao erotismo, mas não posso mais entender como foi que pudemos ter desprezado a ubiquidade da agressividade e da destrutividade não eróticas e falhado em conceder-lhe o devido lugar em nossa vida. (O desejo de destruição, quando dirigido para dentro, de fato foge grandemente à nossa percepção, a menos que esteja revestido de erotismo.)” Para Freud

(1929), a destrutividade passa a ser uma inclinação autônoma e originária do ser humano.

Portanto, a partir desse momento, podemos compreender a chamada pulsão de morte freudiana seguindo três caminhos. Primeiro, ligada ao erotismo, na forma do par antitético sadismo- masoquismo, conforme já apresentado, e que pode se manifestar em tendências comportamentais ou sintomáticas. Segundo, como desejo destrutivo puro, autônomo, desligado da sexualidade e voltado para fora, manifesto em atitudes de ataque e destruição abertas contra o outro. E, terceiro, como destrutividade autônoma, muda, silenciosa, no interior do organismo, pressentida através de estados de desligamento do sujeito, sem que sejam necessariamente acompanhados de expressão de dor.

Passarei, a seguir, a tecer algumas considerações sobre esses dois últimos caminhos da pulsão de morte para tentar explicar os rumos da dor que lhes acompanham e os reflexos que ela poderá ter em cada caso sobre a subjetividade.

Em 1932, Freud responde uma carta de Einstein, na qual esse lhe faz uma consulta como especialista da natureza humana, tentando entender melhor os motivos pelos quais os homens faziam guerra e assim tentar buscar a paz mundial. Freud, entretanto, nessa carta de resposta que se transformou em um importante artigo, está bastante amargo, ou realista, quem sabe. É difícil se afirmar com certeza, pois a severidade com que define o homem, é até hoje sistematicamente confirmada pela história. Diz , já no início do texto: “Mas, permita- me substituir a palavra ‘poder’ pela palavra mais nua e crua ‘violência’?” (p.146) Justifica essa sua pesada proposta, explicando que o homem, desde os tempos primitivos, sempre buscou resolver seus conflitos de interesses através da violência e da superioridade sobre o outro. Primeiro, impôs a superioridade de força muscular, depois dos melhores instrumentos e armas, que já pressupunham a superioridade intelectual. Assinala que a comunidade inevitavelmente irá se compor de elementos com força desigual e portanto, se organizará na base da dominação, citando como padrão o modelo utilizado por Heggel do senhor e do escravo. Enfatiza assim, a impossibilidade de se eliminar totalmente os impulsos agressivos do homem. Entretanto, cogita que se possa tentar desviá-los de um tal modo, que não necessitem encontrar

expressão na guerra. Sublinha que se o desejo de aderir à guerra era um efeito da pulsão destrutiva, nada melhor para lhe contrapor do que o seu antagonista _ Eros. Portanto, tudo o que favorecesse o estreitamento dos vínculos emocionais entre os homens deveria atuar contra a guerra. Acrescenta, ainda, que nada poderia unir a humanidade de forma tão sólida e levá-la a subordinar sua vida pulsional aos interesses comunitários como a intelectualidade. E, conclui que tudo que estimulasse o crescimento da civilização trabalharia contra a guerra.

Nos tempos de hoje observamos que, embora o Freud desse artigo pareça, num primeiro olhar, pessimista, ainda assim ele subestimou o que o homem continua a fazer contra o outro e o quanto a sua pulsão destrutiva, colocada para fora, continua gerando tanta dor no seu semelhante. Aponta, outrossim, uma alternativa para a questão da destrutividade humana, que seria o pensar.

Já no Projeto, Freud destaca, “que é em relação a seus semelhantes que o ser humano aprende a conhecer”(1895, p.447). Explica que algumas percepções advindas desse outro ser semelhante coincidirão com a lembrança de impressões visuais muito semelhantes às emanadas de seu próprio corpo. Deverá, então, o sujeito rastrear suas experiências e reencontrar em si o que viu no outro. Freud destaca, ainda, que um grito dado pelo outro, remeteria ao próprio grito, levando o sujeito a lembrar sua própria dor. O grito e a dor se constituiriam, portanto, em um dos sinalizadores para a formulação dos primeiros juízos elaborados pelo sujeito e seriam precursores na construção do seu pensar.

Chegamos, então, até uma conclusão pelo menos aparentemente inesperada e contraditória. Se a destrutividade humana, por princípio, gera dor e se a dor dá origem ao pensar, quem sabe a principal possibilidade de resgate da destrutividade do homem esteja na possibilidade criativa intrínseca à dor, gerada pela própria pulsão de morte. Quando a dor for possível de ser pensada ela se transforma em sofrimento e ao sofrer a dor, o ser humano talvez busque saídas criativas para a problemática de sua existência. Descartes não disse que pensar era existir? Por que não imaginar que sofrer a dor através do pensar seja a saída criativa para o existir e que a pulsão de morte também

oferece saídas criativas para a mente humana, na medida em que favorece o pensar?

Garcia- Roza (1990) confirma essa perspectiva, assinalando que a pulsão de morte é renovadora, na medida em que ela coloca em causa tudo o que existe. Explica que enquanto Eros tende à unificação e à indiferenciação, a pulsão de morte é produtora de diferenças, recusa a mesmice e provoca a emergência de novas formas na natureza e na cultura. O autor aponta ainda, que esse foi o sentido acusado por Hyppolite em sua análise do artigo freudiano “A Negativa”. Lá, a tendência destrutiva é representada pelo ‘não’, que possibilita negatizar e assim pensar, em lugar de expulsar da mente aquilo que seria impedido de ser pensado na sua afirmatividade direta. Assim o “não”, enquanto símbolo da pulsão de morte, inaugura o pensar e a destruição toma o significado de destruir antigos jeitos de ser. E sabemos, que abrir mão de jeitos antigos ou de objetos antigos gera dor. Então, pensar o novo, dói. Se não fosse assim, talvez a primeira mulher pudesse ter dito “não” à serpente, _ caricatura dos desejos mais primitivos e mais destrutivos da humanidade_ para criar uma possibilidade de realizá-los simbolicamente, na sua mente através do seu pensar. Mas para isso teria de sofrer a dor de sentir a frustração e o lamento por desejos que só gostaria de experimentar repudiados como não- seus.

Giacioia Junior (s/d) diz que a passagem do bicho- homem ao animal político se faz sobretudo pela organização do caos pulsional e que é nesse sentido que a genealogia nietzscheana pode ser entendida. Salienta que para Nietzsche o animal- homem é um ente portador de excedente pulsional. E que a civilização ocidental é marcada por um radical antagonismo pulsional , que pode ser apreendido através de duas formas ideológicas do agir: uma, a moral da castração ou moral religiosa e de outra, o seu par

antitético, que seria o imoralismo das paixões. A primeira se definiria como uma pedagogia moral religiosa de cunho socrático- platônico- cristão, que exigiria a extirpação das paixões. A segunda, se contrapõe a essa, e sua transfiguração pode ser notada de saída pelo uso de um vocabulário antecipatoriamente psicanalítico. Trata-se de uma postura acolhedora e positiva com relação às paixões humanas. Comenta que para Nietzsche as paixões sempre tem uma época em que são nefastas, estúpidas e arrastam suas vítimas para baixo, mas, em época posterior, se consorciam com o

espírito, se espiritualizariam. Salienta que outrora, por causa dessa estupidez do primeiro tempo, se desejava aniquilar as paixões, mas que a praxis das paixões levou a uma reapropriação do excesso daquela imensa gama de impulsos e afetos renegados, proscritos, reprimidos e caluniados pela tradição platônico- cristã. Busca-se a reapropriação de sua força domada, sublimada, transformada. Para o autor, o que importa é nossa força de domínio sobre as paixões, não a sua extirpação. E a força do grande homem estaria no grande espaço de liberdade de suas paixões, mas sendo ele suficientemente forte para domesticar esses monstros, já que nenhuma criatura poderá se subtrair à natureza. Assim, contra a concepção idílica da natureza humana pacífica, se contrapõe a sublimação do caos pulsional como destino de grandeza a ser alcançado. Assim, Giacoia Jr (s/d) afirma, a partir de Nietzsche que o homem do final do século XIX deu um passo significativo para aceitar a sua natureza sem amargura, envergonhando-se menos de suas pulsões e tentando ser forte suficiente para suportar essa visão do seu ser. Sem o cinismo idealista transformou a rigidez moral em probidade intelectual, propondo como tarefa para a humanidade a permanente auto- superação. Mas, é claro que não é simples essa tarefa. Se, por um lado, nunca tivemos tanta lucidez quanto à natureza humana, por outro ainda não conseguimos domesticá-la.

E, quem sabe seja essa exigência tão grande subentendida na cultura contemporânea, que remeta o homem pós- moderno a se recusar a pensar cada vez mais, centrando suas preocupações principalmente no próprio corpo e na ação, numa busca frenética por soluções imediatistas, onde as técnicas terapêuticas alternativas e a medicalização driblam a possibilidade de sofrer suas dores, pois abolem questões importantes como a temporalidade, a subjetividade e a alteridade. A pulsão sem mediação sai, então, mais uma vez em forma bruta, como descarga pura, conduzindo a limites impensáveis de atos tais como o que ocorreu no acontecimento de 11 de setembro, em que tivemos de assistir sem possibilidade de significar, a destruição em estado puro, levando- nos todos a uma vivência de horror e de impotência. Repete-se, na guerra contra o Iraque e, ainda, diariamente nas ruas de nosso país, numa forma de violência aparentemente gratuita e absurda que assistimos estarecidos ou, pior ainda, anestesiados. No anestesiamento a alteridade fica abolida e não mais qualificamos nossos estados subjetivos, podendo o outro

ser destruído, sem que precisemos sentir a sua dor. Elimina-se, assim, o sofrimento.

Esses estados de não- pensar e não sentir aparecem na clínica atual em patologias cada vez mais graves e mais freqüentes. As adições em geral, as anorexias e as bulimias, vem acompanhadas por um estado compulsivo muitas vezes tão intenso, que remete à repetição peculiar à pulsão de morte expressa quase em estado puro, ameaçando de fato a vida dessas pessoas. Fazem- se sentir ainda, e principalmente, nas patologias do vazio, onde o desinvestimento característico da pulsão de morte agindo no interior do organismo de forma silenciosa, desfaz laços afetivos com os objetos ou mesmo destrói a própria capacidade representacional do sujeito, levando-o a estados de profunda indiferença e apatia típicos das chamadas depressões brancas. Estamos em pleno século da depressão, entretanto não estamos falando de depressões ruidosas, mas de depressões silenciosas, insidiosas, encobertas por uma cultura barulhenta, quase escandalosa, mas com sérias dificuldades para significar a dor e expressa- la em toda a sua extensão. Gritamos pela falta de um bem concreto, material, mas silenciemos os valores mais profundos do ser humano. Onde ficou sufocado nosso grito frente o episódio de 11 de setembro, que assistimos pelos nossos modernos televisores que transmitem através de múltiplos canais notícias de todo o mundo na hora em que acontecem? O que fazemos com essas notícias? Como as significamos? Temos condições de significá- las, ou só podemos ir empilhando-as em alguma prateleira de algum armário velho no depósito de coisas inúteis de nossa memória para ficarem lá esquecidas, sem significado? O que fazemos com tantas coisas que não damos significado? Às coisas que não podem ser significadas e chegar à palavra e sequer ao nosso grito de dor, a isso só resta uma palavra: desinvestir. E não será o desinvestimento, tão silencioso que é, mais próximo da violência ruidosa do que parece?

Lacan (1998, p. 376) diz: “Acaso não sabemos que nos confins onde a fala se demite começa o âmbito da violência, e que ela já reina ali, mesmo sem que a provoquemos?” Aí, silêncio e violência se entrecruzam e se misturam.

Talvez ao século que se inicia, caiba a difícil missão de assumir nossa própria dor em pensar o potencial destrutivo que o humano representa aos seus semelhantes e a si mesmo, muito além do simples prazer masoquista ou

sádico banal, mas ligado a formas de gozo que ultrapassam a nosso prazer e chegam às raias da pulsão de morte mais pura e crua. Tais modalidades silenciam nossa dor, impossibilitam o sofrimento e ainda não encontram expressão no verbal, por representar o mais primitivo dentro de cada um de nós. O grito, a dor gritada, é vida. A morte é silenciosa. A pulsão de morte, quando aparece ruidosa pode criar novas formas, quando silencia seus estranhos caminhos levam ao fim.

Referências Bibliográficas

BÍBLIA SAGRADA. Antigo Testamento: Gênesis. Porto Alegre:Edições Paulinas, 1960.

Conte, Bárbara de Souza. PRAZER E DOR: O MASOQUISMO E A SEXUALIDADE. Porto Alegre: Criação Humana, 2002.

Freud, Sigmund. In: Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976. ALÉM DO PRINCÍPIO DO PRAZER . Vol.XVIII, 1920.

_____. ASSOCIAÇÕES DE UMA CRIANÇA DE QUATRO ANOS DE IDADE. Vol. XVIII, (1920).

_____. INIBIÇÕES, SINTOMAS E ANSIEDADE. Vol. XX, (1926 [1925]).

_____. O PROBLEMA ECONÔMICO DO MASOQUISMO. Vol. XIX, (1924).

_____. O MAL- ESTAR NA CIVILIZAÇÃO. Vol. XXI, (1930 [1929]).

_____. POR QUE A GUERRA? Vol. XXII, (1933 [1932]).

_____. PROJETO PARA UMA PSICOLOGIA CIENTÍFICA. Vol. I, (1950 [1895])

4-Garcia Roza, Luiz Alfredo. O MAL RADICAL EM FREUD. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

5-Giacchia Junior, Osvaldo. SAÚDE PSÍQUICA EM NIETZSCHE. Aula ministrada no Departamento de Filosofia da UNICAMP. São Paulo, s/d.

6-Lacan, Jacques. ESCRITOS. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.